



Todas as imagens: www.forumsocialmundial.org.br

Organizado de forma diferente, a quinta versão do FSM inaugurou uma etapa na curta história dos fóruns: sem abrir mão da diversidade e da horizontalidade, deu prioridade às ações comuns

Antonio Martins

Assim como liquidam ilusões, os fatos destroem desdêns. Durante muito tempo, boa parte da esquerda tradicional viu no Fórum Social Mundial (FSM) pouco mais que uma feira ideológica – vibrante, porém caótica e, em todo caso, incapaz de inspirar grandes processos de transformação social. Segundo esta concepção, os grandes espaços para a construção de alternativas seguiam sendo os partidos políticos. O sucesso do 3º FSM em 2003 (que dobrou o número de participantes do encontro anterior, chegando a 110 mil) deveria ser creditado à expectativa de um grande movimento de mudanças no Brasil, despertada, meses antes, pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência do país. Essa avaliação ruiu diante do 5º Fórum. Realizado entre 27 e 31 de janeiro, ele coincidiu com o desencanto em relação ao novo governo (veja a seção **Opinião**, a partir da p.40). Multiplicam-se na esquerda os debates sobre a relação a adotar diante do Palácio do Planalto, mas já não se espera que o PT e os demais partidos que coabitam o governo questionem, por exemplo, a sub-

missão do Brasil aos mercados financeiros – ou substituam as relações fisiológicas com o Congresso por um novo apelo à mobilização da sociedade. A presença de Lula no Fórum foi um sinal da frustração. Em vez do Anfiteatro do Pôr-do-Sol, onde 100 mil pessoas acotovelaram-se para ouvir seu discurso em 2003, ele se limitou ao ginásio do Gigantinho. Lá, um público ao menos cinco vezes menor o recebeu sem entusiasmo. Parte dos ouvintes o vaiou e, para abafar os apupos, mobilizou-se uma claque. Isso, porém, não abalou o Fórum. Um mar de gente (estimam-se 180 mil pessoas) deslocou-se para Porto Alegre. Embora a presença internacional tenha se acentuado, a participação brasileira foi, mais uma vez, majoritária. Pelo menos 60% dos participantes tinham menos de 25 anos, num desmentido prático às hipóteses que sugerem uma nova geração desencantada com a política.

Nova estratégia Mais importante que os números foi uma novidade estratégica: o 5º FSM voltou-se claramente para a definição de propostas e ações comuns. Dele saíram

chamados para mobilizações internacionais (veja **A agenda mínima do FSM**, na p.12) e, nele, construíram-se plataformas importantes, como a articulação internacional das campanhas pelo Direito à Água; a Assembléia dos Povos Credores, formada em torno do cancelamento da dívida externa do Sul; e a rede *Outro Sistema Financeiro*, que se propõem a lutar por uma nova ordem monetária e financeira internacional. O princípio segundo o qual o Fórum não escolhe temas prioritários, nem adota declarações finais, foi mantido à risca. Mas a sensação é de que o encontro virou uma página e inaugurou uma nova etapa, que pode transformá-lo num gerador de múltiplas iniciativas por um mundo novo. A renovação foi provocada por duas decisões principais, adotadas durante a preparação do 5º FSM.

A primeira saltou aos olhos em Porto Alegre. O evento deixou a Pontifícia Universidade Católica (PUC), onde esteve abrigado nas três primeiras edições, para se esparramar por uma faixa de 6 km, às margens do rio Guaíba (onde permaneceu o Acampamento da Juventude). Os debates foram realiza-

dos em mais de 200 tendas, de diversos tamanhos, construídas e equipadas especialmente para o encontro. Este “Território Social Mundial” foi composto de 11 Espaços, um para cada conjunto de temas tratado no Fórum (veja **Os espaços do FSM**, nesta página). Redes de Economia Solidária cuidaram do abastecimento e adotaram-se práticas de proteção ambiental avançadas, como “lixo-zero” e redução do uso de descartáveis. Todos os computadores usaram sistema Linux e *software* livre.

Embora menos visível, a segunda novidade foi mais profunda. O grande encontro mundial das alternativas teve, este ano, outra metodologia. Ela preserva duas marcas registradas do encontro: a diversidade e o caráter horizontal, não-dirigista. Mas acrescentou algo novo. Em resposta a um cenário em que os riscos de barbárie e devastação parecem cada vez mais graves, o FSM buscou, como nunca, as *ações comuns*.

Feira de boas vontades Como conciliar a valorização de *todas* as causas, *todas* as lutas, *todas* as identidades – um dos grandes encantos do Fórum – com a necessidade de definir certas *urgências* – algo cada vez mais necessário para que o encontro não se resuma a uma feira de boas vontades? Solucionar esse enigma foi, desde o lançamento do FSM, um dos maiores desafios intelectuais de seus organizadores. De

uma resposta adequada dependem, talvez, as próprias chances do evento se consolidar como referência de um novo projeto de transformação social.

Seus participantes deliciam-se, a cada ano, com o fato de viverem num ambiente em que a crítica ao capitalismo assume também uma dimensão comportamental. Ao contrário do que ocorre em outros palcos da esquerda, não há votações em que diversos blocos se engalfinham pelo privilégio de possuir a posição

por trás dela tem a simplicidade de um ovo de Colombo.

Aposta na convergência Partiu-se de uma aposta: os participantes do FSM vão a ele porque têm vontade real de construir propostas e iniciativas conjuntas; ninguém se desloca milhares de quilômetros apenas para reafirmar seus próprios pontos de vista e se fechar em sua identidade. Abriram-se canais para diálogo. Em abril de 2004, as milhares de organizações que frequentaram os

Os espaços do FSM

1. Afirmando e defendendo os bens comuns da terra e dos povos, como alternativa à mercantilização e ao controle das transacionais
2. Artes e criação: construindo as culturas de resistências dos povos
3. Comunicação: prática contra-hegemônicas, direitos e alternativas
4. Defendendo as diversidades, a pluralidade e as identidades
5. Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário
6. Economias soberanas por e para os povos: contra o capitalismo neoliberal
7. Ética, cosmovisão e espiritualidades: Resistências e desafios para um mundo novo
8. Lutas sociais e alternativas democráticas: contra a dominação neoliberal
9. Paz, desmilitarização e luta contra a guerra, o “livre” comércio e a dívida
10. Pensamento próprio, reapropriação e socialização dos saberes, conhecimentos e tecnologias
11. Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e a integração dos povos

mais “correta”. Por outro lado, é impossível evitar, ao final de cada Fórum, uma pergunta incômoda: quais os caminhos para que os quatro dias desta festa de solidariedade não sejam apenas um sonho, do qual acordamos para um ano de injustiças e asperezas?

A partir outubro de 2003, duas comissões de trabalho do Conselho Internacional (CI) do FSM – as de Metodologia e Temas – dedicaram-se à busca de um solução que permitisse articular pluralismo com possibilidade de convergências. A alternativa foi construída ao longo de encontros realizados em quatro países. Os documentos do Fórum usaram, para resumila, uma palavra quase empolada: “aglutinação”. Mas o princípio

Fóruns anteriores foram convidadas a manifestar, em pesquisa, que debates pretendiam promover em Porto Alegre, e que temas julgavam prementes para mudar a sociedade.

A partir de setembro, quando se abriram as inscrições para oficinas e seminários, criou-se um sistema eficiente de comunicação via Internet. Cada pessoa ou organização ligada ao Fórum teve, pela primeira vez, condições de verificar quais as atividades já registradas; de pesquisá-las por palavra-chave; de encontrar nome, endereço eletrônico e telefone dos organizadores. Estimulou-se ao máximo o esforço para trocar seminários e oficinas promovidos por uma única organização por outros, em que se estabelecessem o intercâmbio de pontos de vista e a possibilidade de gestar novas alianças e lutas.

Fixou-se um limite: a *aglutinação* jamais deveria tornar-se impositiva ou centralizadora. Ninguém teve poderes para impor às organizações que abrissem mão de uma atividade ou se juntassem a outra. Todas as adesões foram voluntárias.

Alguns resultados práticos apare-



A presença de Lula foi um sinal da frustração: em vez do Anfiteatro do Pôr-do-Sol, onde 100 mil pessoas acotovelaram-se para ouvir seu discurso em 2003, ele falou no Gigantinho, para um público ao menos cinco vezes menor

o site da revista
REPORTAGEM
da oficina de
informações

um projeto da imprensa brasileira a serviço dos trabalhadores na era da globalização

Um empreendimento de jornalistas, intelectuais, propagandistas e outros trabalhadores da imprensa a serviço da popularização do conhecimento e da compreensão das características básicas do processo de globalização no qual o Brasil está inserido.

Além da **revista mensal**, uma **edição diária** com os fatos mais relevantes do Brasil e do mundo, na Política, na Economia, na Situação Social, na Cultura e na Ciência; e um **ponto de vista** sobre um tema de importância da conjuntura nacional ou internacional.

ceram cedo. A programação completa das atividades apareceu, no site institucional do Fórum Social Mundial, uma semana antes da abertura do evento. Na história dos fóruns, foi uma revolução. Entre as edições anteriores, os participantes tomaram conhecimento do programa, nos me-

Por abundância de opções, ficou muito difícil escolher o que fazer em Porto Alegre. *Moedas alternativas?* Bastava dirigir-se ao Espaço 6: houve debates todos os dias, exposições teóricas, relato de experiências, uso experimental de *txais*, em lugar de reais. Saídas contra o po-

A agenda mínima do FSM

Jornada internacional contra a guerra 18 e 19 de março

Marcha mundial contra o Império e pela Liberdade 10 de setembro [um dia antes do 5º aniversário do atentado contra as Torres Gêmeas em Nova Iorque]

lhores casos, apenas na véspera do início dos debates. Houve atrasos-escândalos: em 2003 (Porto Alegre) e 2004 (Mumbai), o caderno de eventos ficou pronto *depois* de abertos os trabalhos...

Muito mais relevante foi a mudança na *qualidade* da programação. O número de atividades protagonizadas por uma única organização so-

der do Império? No Espaço 9, multiplicaram-se as jornadas de protesto propostas pelas campanhas pela paz; no 11, as visões sobre uma ONU reformada e democratizada, que possa ser apoiada como alternativa a Washington. *Água, direito humano?* O local era o Espaço 1, dedicado aos Bens Comuns da Terra e da Humanidade. Durante quatro dias, houve mais de vinte encontros sobre o tema. No início e ao final, as organizações que promoveram os encontros debateram a possibilidade de uma estratégia comum.

Como se não bastassem todas estas chances de somar forças, o Fórum Social Mundial foi generoso com quem não as tinha aproveitado nos meses anteriores. Durante os quatro dias de debates do encontro, esteve aberto um período extraprograma (das 7 às 9 da noite), que pôde ser empregado para encontros entre quem descobriu, durante o próprio FSM, novas afinidades.

Num tempo em que tantos governos de esquerda parecem integrados à mesmice do pensamento único, e em que a alternativa dos partidos já não empolga tanto, o FSM poderia ser uma nova referência de utopia? Continuarão a se abraçar, nestes encontros anuais, os que lembram a necessidade das grandes mudanças de cenário, e os que procuram desde já as brechas para construir um mundo novo? É mais uma aposta, talvez outra esperança. Não será possível avaliar suas chances sem examinar, com cuidado, as boas surpresas do FSM 2005. ■

Antonio Martins é jornalista, membro da Secretaria Internacional do FSM.



Neste ano, a presença internacional se acentuou, embora os brasileiros continuassem em maioria – 60% dos participantes tinham menos de 25 anos

freu um declínio dramático, em relação a 2003. O novo, agora, foram criações coletivas, nas quais gente de muitos países trocou idéias e desencadeou projetos que podem se estender muito além do próprio Fórum Social Mundial.